

Drømmer om Storhet
Sonhos de Grandeza
Capítulo IV

Alguém estivera no apartamento. Podia sentir seu ranço. Uma amálgama indistinta de suor, spray bucal e algo até mesmo pior. Ou teria eu instaurado meu próprio perecimento carnal? Aguardo por isso desde minha quadragésima primavera.

O caos em meu apartamento estava pior como de costume: caixas com livros apinhados por toda parte, roupas de cama estiradas desordenadamente no chão. Parecia que alguém se mudara e deixara o local isocronicamente. E o que dizer sofá? Onde estaria?

Olhei para todos os cantos sem êxito, enquanto tropicava entre as caixas. Algumas centenas de exemplares de *A Carta* amontoavam-se ao longo das paredes, *Harry Fora de Si* posicionava-se em frente à cama, ao passo que *O Colhedor de Bagas* jazia solitário debaixo da mesa da cozinha. As caixas tinham vantagens e percalços. Na cozinha, coloquei coisas quentes sobre elas, já no banheiro, tínhamos onde pisar caso o chão molhasse.

Em dias de visitaçao ao apartamento, improvisava caixotes como banquinhos.

- Nada melhor do que por suas nádegas num lídimo pedaço de poesia – costumava Higgens a dizer isso antes de bufar; um brinde à insigne poesia terrena.

Sentei-me à mesa e congreguei com meus pensamentos, conjecturando sobre composição literária. O primeiro passo para tal intrincado ritual de criação era vestir meu roupão, mas fazia algumas semanas que não o via. O segundo era repousar meus pensamentos que fazia no sofá. Maldição! Perder o sofá fora um duro golpe.

A saber: meu novo romance versa sobre uma pessoa que alcança seu sonho de construir a mais perfeita casa de passarinhos já vista. Ele despense anos de sua vida no ofício. Assim, após construir uma a uma, espalhou-as pela floresta. O propósito subjacente era trazer as aves de volta. Conseguiria ele? Muito prematuro dizer.

Perguntava-me se eu não deveria, talvez, saber o final agora. Deveria eu conhecer tão bem meu herói para saber até onde iria, se ele pudesse perceber plenamente seus sonhos?

A resposta? Um sonoro não. De que vale um romancista escrever uma história cujo final já é sabido. Era essa minha opinião e agarrei-a.

Por ora tudo nos conformes. Agora o momento era de projetar-me a uma compleição compatível de criação, e inaugurei o terceiro estágio de meu ritual, dirigindo-me à prateleira para achar o álbum *Hunting High And Low* do A-Ha. Eu tinha o hábito de ouvir Morten Harket cantar “Take On Me” como um prelúdio para produção escrita espirituosa e inspiradora. Decerto, Morten tinha um talento deífico. Quando atingia seus falsetes em “Take On Me”, a única coisa a ser ponderada seria desistir e esquecer de todos os afazeres mundanos como LIMPAR, LAVAR AS ROUPAS e ESCREVER

CARTÕES POSTAIS a velhos conhecidos. Não, a única coisa a se fazer é rabiscar reflexões criativas até que teu lápis se fenda e teu corpo te agradeça.

Parei em frente à estante. Algo havia acontecido desde a última vez. Meu velho gramofone fora substituído por um espaçoso leitor de CD com alto falantes enormes e botões por todos os lados. Nem um sinal de meus velhos discos de vinil.

Não era a primeira vez que eu defrontava a adversidade. Na verdade, eu já estava afeito a tudo isso. Se a adversidade enobrece, então eu era pelo menos um conde até o momento, pensei. Sentei-me à mesa novamente, empunhando minha última esperança – meu apontador.

Muitos autores já foram salvos do constrangimento por terem apontado bem seus lápis. Tome Hemingway como exemplo, um certo Miller Hemingway. Nascido em 1899 em Oak Park, Illinois, Estados Unidos, Hemingway sempre tinha alguns lápis afiados a postos diante dele antes de começar a escrever todas as manhãs. Ele tinha entre 5 e 70 lápis enfileirados, dependendo de seu humor. Durante um curto período quando viveu em Key West na Flórida, disse ele que chegava a apontar 133 lápis todas as manhãs. Depois de um tempo, enquanto suas finanças prosperavam, ele conseguiu pessoas que pudessem fazer isso por ele, bem melhor do que nos tempos em que pelejava como um desconhecido escritor em Paris.

Lembro que outra coisa pitoresca de Hemingway era FICAR DE PÉ enquanto escrevia. O que deu nele de ter tamanha ideia tola? Não faço ideia, mas funcionou. Quem era eu para interferir na rotina de trabalho de meus colegas.

Olhei para a cama. Uma vez o sofá tendo sumido, deitei-me na cama como solução temporária. Parecia tão bom quanto a rotina em pé de Hemingway. Transferi-me para minha cama e deitei-me, aninhando-me sob as cobertas.

O telefone tocou antes mesmo de eu começar.

- O que estás fazendo? perguntou Haagen.

- Neste momento, estou fazendo meu leito – eu disse. – Se esta for uma linguagem de teu apreço.

- Estás com sono? – disse Haagen.

- Chame como quiser – eu disse. – Eu chamo isso de escrever.

- Fazendo progressos? – perguntou-se Haagen.

Era do romance de que ele estava falando? Ou foram minhas novas resoluções de ano novo de se livrar dos vícios de linguagem que repousavam desde a infância quando eu falava? *Vou ao médico*, por exemplo. O fato é que por muito tempo falei *vou no médico*.

- Não viste meus discos do A-Ha por aí? – eu disse.

- Já olhaste debaixo do sofá? – perguntou Haagen, um tanto quanto vago, porém pelo menos teve uma proposta.

Olhei para onde um dia o sofá lá esteve. Vi um par de meias ímpares cobertas pelo pó e mais alguma coisa semelhante à torradas e queijo de cabra. Ou seria patê de fígado de cerdo? Até onde podia lembrar, eu não tinha tais itens em casa, e também não pretendia ir a fundo no caso.

- Não – eu disse.

- Já ouviste falar de Hubert & Hannkattene? – perguntou Haagen. – Eles são atemporais.

- Continuarei com o A-Ha até que se prove o contrário – eu disse.

- Preciso apressar-me agora – disse Haagen. – Tocarei *Öppna landskap* em três minutos.

- Boa sorte – eu disse.

- Vejo-te na Huk – disse Haagen.

De onde Haagen tirou que alguém sugeriu ir à Huk? Ou melhor dizendo, se eu fosse para a Huk, seria para um encontro romântico com Helle e não uma viagem de grupo de escoteiros.

Não há nada de novo em dizer que esta cidade é repleta de bisbilhotice e boatos. Eu mesmo já padeci deles inúmeras vezes. Se eu soluçar em Akersgata, poderia jurar que Haagen ou Higgens saberiam antes de completar uma hora.

Fechei os olhos e desliguei-me do mundo por um instante. Deixei o devaneio dominar-me e visionei meus poderes inventivos concretizando-se, como uma hidrelétrica, provendo luz a toda uma cidade. Uma cabeça em chamas numa tempestade de autoestima, onda verde e um sorriso de orelha a orelha.

No meio de tudo isso, manteria meus pés firmes no chão e minha cabeça a meio passo do céu. Meus textos deveriam mugir e arrebatá-lo como o chocalho de uma cascavel, rastejando ternamente entre os troncos de árvores, devorando o indispensável.

E o público? Não importa a idade, eles poriam-se aos meus pés, no meu encaixe de cidade a cidade por onde viajasse, banhando-se do sol de meu próprio sucesso, enquanto lia em voz alta para as senhoras emudecidas das bibliotecas públicas do país.